

## **EXU E AS ENCRUZILHADAS DA LINGUAGEM: CAMINHOS ENTRE MEMÓRIA ANCESTRAL E O FUTURO INSURGENTE**

### **ODS 4: EDUCAÇÃO DE QUALIDADE**

Larissa Tereza Ribeiro de Jesus Bueno (Universidade de Taubaté)  
Thaís Travassos (Universidade de Taubaté)

O estudo de literatura e a epistemologia que fundamentam a crítica literária e quaisquer outros modos de produção de conhecimento no Brasil são marcadas pela imposição do pensamento ocidental e pela posição de subalternidade. Isto é, a academia promove um discurso neocolonialista em que a perspectiva eurocêntrica presente tanto em teorias filosóficas quanto em expressões artísticas é referência verdadeira e absoluta, enquanto as criações latino-americanas assumem papel de “parasitas”, que são supostamente influenciadas. O presente trabalho é uma leitura que propõe uma epistemologia decolonial no entre-lugar do discurso latino-americano. Trata-se de um estudo de literatura comparada que une cosmovisões afrodiáspóricas e indígenas (possibilidade um outro ponto de partida para entender o mundo) a partir do estabelecimento de relações entre o conto “Akiro Oba Ye!”, de “Um Exu em Nova York”, o livro “Futuro Ancestral” e o ponto cantado de Umbanda “Deu meia-noite em ponto e o galo cantou”. As três expressões - literária, filosófica e religiosa – convidam ao reencontro com a memória e à criação de um futuro inventivo e insurgente, como é Exu. Esse Orixá, Nkissi ou Vodun – cultuado pelas religiões de matriz africana - é a energia que predomina sobre os caminhos e sobre a comunicação. É o mensageiro entre o humano e a divindade. Entende e fala todas as línguas, Exu anda nas palavras e, por isso, as usa para trilhar caminhos entre passado, presente e futuro. A isso faz referência o provérbio iorubá “Exu matou um pássaro ontem, com uma pedra que só jogou hoje”, evidenciando que essa divindade brinca com a linearidade do tempo e reinventa o passado através do presente. Ailton Krenak, escritor e filósofo indígena, postula em sua obra “Futuro Ancestral” que a origem é o próprio destino. O ambientalista ilustra sua ideia a partir da simbologia do rio: “Os rios, esses seres que sempre habitaram os mundos em diferentes formas, são quem me sugerem que, se há futuro a ser cogitado, esse futuro é ancestral, porque já estava aqui”. Essa cosmovisão em muito se assemelha com a escrita ancestral e afrofuturista de Cidinha da Silva, autora do livro de contos “Um Exu em Nova York” que traduz e ressignifica de modo fascinante a diáspora negra por meio da linguagem. No conto “Akiro Oba Ye!”, Cidinha cria personagens que herdaram características de seus ancestrais (ditando sua energia, raciocínio, traços de personalidade) – crença dos praticantes de religiões afro-brasileiras – e vivem uma narrativa enredada de dilemas atuais, como especulação imobiliária, urbanização das favelas, tráfico de drogas e misoginia. Dessa forma, o conto não estaciona em tempo algum, mas, ao contrário, conecta o leitor à atemporalidade que existe no cotidiano. Assim como é dito no Ponto de Umbanda cantado ao Dono das 7 Encruzilhadas, o próprio Exu vem dizer que ele “É a magia, é o encanto, é o fogo, é o sangue na veia vibrando, Exu é prazer”. Kobá Laroyê!



**Palavras-chave:** Ancestralidade; Exu; Futuro; Linguagem.